

Acordou Felícia, como de hábito, às quatro horas da manhã. Ligou o rádio na estação da igreja e pôs-se a orar. Até às cinco da manhã, agradeceu a Deus por todas as bênçãos a ela concedidas, pediu forças para suportar as dores da vida e as tentações da carne. Pediu glórias e realizações. Terminou sua oração matinal e seu jejum. Tomou um café da manhã magro e dirigiu-se à igreja para continuar suas orações e encontrar-se com os irmãos.

Passando pela Praça Central da pequena Páthos, viu ali algo que não estava no dia anterior. Uma pequena árvore, medindo não mais que dois metros de altura, estendendo seus galhos em todas as direções. Não era, contudo, uma árvore qualquer. Tinha um aspecto completamente diferente das demais. Surgira da noite para o dia e estava ali inquietando já alguns poucos transeuntes curiosos. Felícia, curiosa como era, juntou-se ao pequeno grupo que se interrogava sobre a aparição daquele estranho objeto.

A Árvore brilhava. Tinha um tom verde jade intenso, mas com uma translucidez inusitada. Emitia uma luz persistente, embora tão suave que não atacava a visão. Na verdade, era tão convidativa, que solicitava ao curioso que não parasse de olhar para ela.

— Alguém sabe o que é isto? — interrogou Felícia.

— Não. Apareceu esta noite de maneira misteriosa e silenciosa.

O brilho do objeto era realmente intrigante. Todos estavam sedentos por alguma resposta. Podia-se ver, mas não se podia entender. Sabia-se que estava ali, mas não porque tinha aparecido de forma tão misteriosa.

O dia foi se abrindo, o sol se tornando mais intenso. Contudo, mesmo com o clarão solar, o brilho transparente, tênue e suave da Árvore era ainda visível. O grupo de curiosos



foi se ampliando. Sempre as mesmas perguntas eram feitas a cada novo passante que parava nas proximidades do objeto: “o que é isto?”, “de onde veio?”, “alguém colocou aí?”, “quem?”, “será que isto é radioativo?”, “posso tocar?”. O fato é que todo mundo estava curioso por saber o que era, mas ninguém tinha, em absoluto, nenhuma resposta.

Felícia, não se aguentando também de curiosidade, disse baixinho a alguém a seu lado:

— Será que posso tocá-la? Será que faz algum mal?

— Minha filha, não sei, mas não faça isto...

Quando a pequena senhora olhou para o lado, Felícia já havia se dirigido ao objeto, esbarrando e empurrando levemente os que estavam à sua frente e passou a mão na estranha árvore. Um sussurro coletivo foi ouvido. Alguém gritou baixinho:

— Meu Deus do céu, o que aconteceu?

Felícia estava ali, naquele quarto à meia luz. Na cozinha, estava seu marido, ainda escorrendo sangue, mas já sem vida. Felícia havia enfiado uma faca em suas costas quinze vezes. O homem gritou até a terceira, quando já caiu praticamente sem vida. As outras doze foram por puro deleite de Felícia, que gozava diante da dor do marido a quem devotava nos cultos da igreja, perante a família, perante a comunidade o mais profundo e sincero amor.

Ainda com as mãos cheias de sangue, mas como alguém ainda no desfrute de um orgasmo, dirigiu-se ao quarto contíguo. As paredes dançavam à luz de uma centena de velas vermelhas espalhadas por todo o corredor que ligava a cozinha ao quarto. Fixados nas paredes, estavam quadros, espécies de óleo sobre tela com aspecto renascentista. As cores dos quadros não eram vivas, mas esfumaçadas por uma bruma tenebrosa. Esta bruma dava às imagens um movimento ondulante. Tudo excessivamente excitante e sensual.

Dirigindo-se ao quarto, ia passando as mãos sobre as imagens, tingindo-as com o sangue do finado estirado a um canto da cozinha. O sangue de suas mãos acabou. Voltou à cozinha e lambuzou-se inteira no sangue derramado. Encheu o máximo que pode suas



mãos e voltou ao corredor e, desvairadamente, foi manchando as paredes e as pinturas renascentistas com o sangue do falecido.

Felícia gozava como há muito não acontecia. Sentia orgasmos ao sujar os quadros. Suas vísceras se contorciam, suas pernas tremiam, sussurros de sexo saíam de sua boca, respiração ofegante. Não aguentou. Com as mãos ensanguentadas, tocou em sua vulva inteiramente molhada. Masturbou-se e sentiu o maior de todos os orgasmos. Gritou de felicidade.

Um dos quadros, contudo, chamou-lhe a atenção. Olhou-o fixamente. Era uma daquelas pinturas velhas, que antigos casais faziam de si. Eram seu pai e sua mãe. Amou aquela arte, via-a todos os dias na sala de estar da casa dos pais. Lembrou-se da doçura de sua mãe, da rispidez de seu pai. Quantos não aquele velho disse-lhe na vida? Quantas cintadas deu-lhe por ser uma criança? Gritou para a parede: “eu te odeio!!!”. Dirigiu o olhar para sua mãe, mulher doce e meiga. Mas quantas vezes lhe repreendeu por passar batom nos lábios, por pintar as unhas com esmalte? “Eu só queria ser como minhas amigas!!!”, gritou para o sorriso da mãe. Lembrou-se também que foi seu pai quem lhe protegeu diante do ataque daqueles cães quando tinha somente oito anos, que foi ele quem lhe beijou e parabenizou com tanto amor quando aprendeu andar de bicicleta. Disse docemente ao olhar duro pendurado na parede: “como eu te amo!!!”. Também se lembrou das instruções tão atenciosas e amáveis de sua mãe diante do desespero quando da chegada da primeira menstruação, dos curativos cuidadosos que fazia nas feridas provocadas pela meninice, lembrou-se também dos abraços meigos e confortantes em cada despedida na porta da escola. Só pôde dizer: “mamãe, eu te amo”.

Não suportando mais aquilo, não conseguindo mais equilibrar uma tal dualidade, saiu da frente do quadro e abriu a porta do quarto contíguo. Entrou, sentiu-se sozinha, abandonada...

— Felícia. Felícia! Felícia!!!!

Alguém gritou ao seu lado. Ela foi acordando lentamente. Triste, abatida, mas realizada. Seu marido apareceu preocupado. Ela abraçou-o e chorou. Felicidade por ele

Ano 09, número 13, 2025

[3]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões



estar vivo, ela não era uma assassina. Contentamento por não estar suja de sangue, não havia cometido ato tão bárbaro. Tristeza por ainda estar casada.

Quando Felícia ainda se recobrava de sua passagem onírica pelas profundezas de si, chegou com grande alarido e acompanhado pelas forças policiais da pequena Páthos, o prefeito Coronel Salomão. Imediatamente exigiu que todos se afastassem, impôs a força militar como argumento mais que convincente. Os presentes foram se afastando, Felícia foi conduzida para casa pelo reencarnado marido.

Coronel Salomão já previamente informado sobre o estranho objeto, fez rápida entrevista com os presentes com o intuito de identificar se alguém ali sabia o que era aquilo, quem tinha colocado ali, se fazia algum mal etc. Novamente, ninguém sabia dizer qualquer palavra sobre o estranho objeto.

— Coronel Salomão, até agora, a única coisa que podemos lhe falar é que esta árvore, assim que tocada, faz a pessoa dormir. Foi exatamente o que aconteceu com Felícia. Tocou na árvore, caiu com os olhos abertos, mas revirados. Ficou falando coisas estranhas durante o tempo que esteve caída no chão. Falava palavras soltas, sem sentido: vela, quadro, parede, sangue, faca, grito, matar, gozar... Coisas assim. Algo não condizente com o que ela é, uma mulher direita, temente a Deus, mãe respeitada e respeitadora. Não temos a menor ideia do que aquilo significava.

— Mas a mulher acordou bem, não acordou?

— Sim. Ao que parece, está bem, apesar de aparentar cansaço e tristeza.

— Pois bem, meus fiéis cidadão de Páthos. Este objeto, por alguma razão, foi colocado ou nasceu aqui, no meio de nossa Praça Central. É uma Árvore maravilhosa e de aspecto muito singular. Temos que guardá-la com o cuidado que uma coisa misteriosa como esta merece.

Foi o que fez o Coronel Salomão. Ordenou que uma patrulha policial ficasse ali velando o objeto por todo o dia, momento no qual ele mandou construir um biombo alto o suficiente para cobri-lo, tirando de todos a possibilidade de olhar para ele. Ordenou que



todos se retirassem. Voltou para seu gabinete na prefeitura e ficou a tarde toda matutando sobre o que poderia ser aquilo. Não pôde, claro, chegar a qualquer resposta.

Contudo, uma poderosa comichão ficou-lhe atazanando o dia inteiro: “se eu tocar naquela árvore, ocorrerá a mim o mesmo que a Felícia? O que sucedeu a ela?”. Não podia parar de pensar naquilo. Era uma força sobrenatural, onipotente. Pressionava-lhe em todas as células, impelindo-o a este ato. Não podia não satisfazer este apetite.

Usou seu poder de prefeito para levar a cabo seu ímpeto. Levantou-se de sua cadeira, dirigiu-se à Praça Central. Já era fim de tarde. O crepúsculo formava uma mistura bela no horizonte. A noite e o dia envolviam a cidade num lusco-fusco fascinante. Chegou à patrulha que estava à porta do biombo, impedindo que os curiosos se colocassem diante da translúcida Árvore de brilho jade, disse imperativamente:

— Sargento, abra a porta do biombo, por favor.

Foi atendido de pronto, sem questionamento, como manda a boa disciplina militar.

Entrou. A porta fechou atrás de si. Ao ver o objeto, não conseguia tirar os olhos daquele brilho, daquela cor. Parecia que até sentia uma temperatura amena emanando verdemente da árvore. A translucidez do objeto atravessava seu próprio ser. Era uma sensação impossível de ser descrita, pois Coronel Salomão sentia o ver, a temperatura, o brilho, a translucidez da Árvore como uma experiência que fazia parte de toda a sua existência. Nenhuma palavra ou coleção de conceitos é capaz de descrever o todo da experiência de somente estar perto do objeto. A linguagem aqui tem que falhar.

Sentou-se a uma cadeira ao lado da árvore, sem nunca tirar dela o olhar. Levantou a mão vagarosamente. Direcionou-a para a Árvore e lentamente acariciou uma das folhas. Seus olhos foram imediatamente fechados. Seu corpo expandiu-se ao tamanho de Páthos. Ele era maior que todos e a todos envolvia e dominava. O grande Coronel Salomão: o maior, mais poderoso, imbatível, líder dos exércitos, chefe de todas as fábricas, deputado de todos os parlamentos, presidente de todas as repúblicas, rei de todas as monarquias. Ele, o grande Coronel Salomão.



Esta expansão de si para a dominação de tudo foi algo arrebatador. Era onipresente em todas as consciências de todos os cidadãos de Páthos. Conhecia o pensamento de cada um. A oposição que o odiava, os puxa-sacos que mentiam sobre sua devoção ao grande Coronel Salomão, os aliados que faziam aliança por mero interesse. Foi descobrindo que vários dos que disseram que nele votaram, estavam mentindo, inclusive alguns autodeclarados amigos. Sabia de cada cidadão o que pensava sobre ele.

Um tal conhecimento e um tal poder adquiridos somente com um toque numa folha era algo surpreendente. E tanta mentira e falsidade não podiam ser toleradas por alguém com tamanho poder e responsabilidade. Era necessário encontrar uma solução final para isto. Com seu tamanho, seu poder, mas, sobretudo, com o conhecimento que tinha sobre o que verdadeiramente pensava cada cidadão de Páthos a seu respeito, seria ele o mais justo e mais sábio de todos os juízes, pois julgaria com conhecimento de causa.

Assim o fez, julgou um por um sobre a verdade de sua fala, de seus atos, mas, fundamentalmente, de seus pensamentos. A cada condenado uma sentença. E contra a mentira e a falsidade não pode haver outra condenação, que não o fim, a morte do falsário.

Fuzilamento, enforcamento, decapitação, tortura, imolação... Toda a lista de maldades que a humanidade já conseguiu fazer contra si mesma foi sendo alinhada pelo grande Coronel Salomão. E todas foram sendo empregadas, uma a uma, a depender do falsário a ser exterminado. Páthos ia, dia após dia, enchendo-se de sangue, de medo, de dor, de pavor. Todos estavam acuados. Todos sabiam que sua hora iria chegar e não tardaria. Assim que o grande Coronel Salomão aparecia diante do réu, este sabia que seu fim havia chegado. Todos os farsantes foram, enfim, eliminados.

Mas não bastava eliminar somente quem mentia a seu respeito. O poder não pode tolerar nenhuma dissidência. Todo opositor teria que encontrar seu lugar, pois não se questiona, nem se levanta o dedo em riste contra o poder. Somente a obediência é tolerada. Nada menos que isto. O grande Coronel Salomão sabia da verdade deste ensinamento. Todos os opositores foram cassados. Alguns presos, os mais respeitáveis.



Aqueles pelos quais o grande Coronel não nutria qualquer respeito tiveram o mesmo fim dos falsários, sendo a guilhotina o meio mais empregado.

O poder só se conquista pela força. Mas ele só pode ser mantido pela violência a mais brutal possível, pois dissuade qualquer um de tentar enveredar-se pela ambição de obtê-lo.

O poder absoluto. O homem absoluto.

“Eu! Este sou eu!!!”

Despertou finalmente o simples prefeito Coronel Salomão. Todo aquele poder agora fazia parte de si, mesmo que só imaginariamente. Mas mesmo assim, o simples prefeito tinha um projeto, tornar-se um homem absoluto. Era esta a meta que havia de colocar-se para si.

Levantou-se da cadeira, radiante. Embora só tivesse um metro e sessenta e cinco de altura, sentia-se do tamanho da cidade. Embora não conhecesse nem seus próprios pensamentos e desejos, delirantemente imaginava conhecer o mais íntimo de cada um. Saiu pela porta do biombo, olhou para o sargento e disse:

— Eu o conheço. Você é leal.

Sem compreender absolutamente nada, o sargento agradeceu ao simples prefeito, fechou a porta e tomou seu posto de soldado de chumbo vigilante e disciplinado.

Na manhã seguinte, conversando com seu amigo Ellon Gates, capitalista medíocre de negócios imobiliários em Páthos e cidades vizinhas, relata parte de sua experiência obtida ao mero toque na folha da árvore translúcida e brilho jade. Obviamente que as partes mais dramáticas foram omitidas, sobretudo o momento no qual guilhotina Ellon Gates por traição e falsidade de pensamento.

Ellon medita alguns segundos. Reflete sobre as coisas descritas pelo Coronel Salomão, o sentimento e sensação de satisfação e felicidade derivados do contato com a folha e propõe:

— Meu velho amigo. Sabe que fui um dos principais financiadores de sua campanha. Sei também de todo seu esforço em fazer nossos negócios prosperarem em

Ano 09, número 13, 2025

[7]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões



todas as áreas que investimos. Mas meu faro de empresário levou-me a pensar na seguinte ideia. Páthos, não sei por que, foi abençoada com um presente como este. Nenhuma outra cidade ou localidade do mundo tem em sua Praça Central uma dádiva dos deuses como esta. Se a nós foi dada por Deus, por que não a utilizar como Deus nos ensina? Porque não a utilizar para o bem comum de toda a Páthos e a todos os interessados do mundo que tenham a bem-aventurança de saber desta Árvore maravilhosa plantada aqui por Deus? Temos que cuidar desta árvore como se cuida da palavra e do ensinamento do senhor. Temos que ter zelo e amor para este objeto tão sagrado...

— Vamos, homem, deixe esta prédica para os crédulos. A mim interessa somente sua ideia, esbravejou o Coronel Salomão.

— Calma, meu amigo, estou ensaiando nossa apresentação do projeto. Este consiste no seguinte. Depois de termos organizado as questões jurídicas e burocráticas, faremos uma imponente obra de proteção ao objeto, com toda a infraestrutura para receber gente de qualquer canto do mundo que tenha interesse em tocar a Árvore sagrada. A obra, claro, será custeada com recursos da prefeitura, pois impostos receberá de tudo isto. Mas a administração será terceirizada. Como sou o principal investidor em negócios imobiliários aqui na cidade, não terei dificuldades em ganhar qualquer licitação.

Feita toda a tramoia, deu tudo certo. A prefeitura construiu a infraestrutura, Ellon tornou-se o administrador do negócio e a coisa saiu como pensada. Toda uma propaganda foi feita, apareceu na televisão, no rádio, no jornal impresso, nas redes sociais e tudo quanto há de publicidade atualmente. Planejou-se uma grande festa para a inauguração e assim ocorreu, tudo como esperado.

E a coisa toda era muito simples: a pessoa pagava uma grande taxa para entrar, sentava-se numa confortável cadeira ao lado da planta mágica, acariciava-lhe uma das folhas. Via seu céu e inferno se realizarem em poucos minutos. Assim que despertava, a próxima entrava e este movimento ocorria das seis horas da manhã até às vinte e duas da noite. Era incessante a passagem de pessoas pela planta.



Todo mundo saía, como um mineiro emergindo das profundezas, lambuzado de não-sei-bem-o-que. As profundezas, agora, reviram-se na consciência...

“Meu Deus, será? Desejo trair minha esposa como uma anã?”.

“Não posso ser assim uma pessoa tão má. Como posso querer abandonar meus filhos?”.

“Eu não sou gay. Transar com outro homem?”.

“Sim, dar um tiro na boca, essa realmente é a solução”.

“Agora que ganhei algum dinheiro, ir embora e largar tudo? Nada faz sentido?”.

“Sempre soube, toda esta devoção a Deus, à religião, à família, à moral, tudo, tudo mentira. Sempre soube. Sempre soube”.

“Ser rico não basta. Todo o dinheiro do mundo, nem isto, talvez, seja suficiente”.

Inúmeros são os pensamentos mobilizados em cada um. A verdade que se esconde dos outros e de si eram ali vividas como realidade. Não como num sonho, que ao acordar, sabe-se que era um sonho. Não como um êxtase religioso de qualquer conexão com o metafísico, nem muito menos a intorpecência de qualquer das drogas conhecidas. Era algo mais que tudo isto, pois era a verdade vivida como realidade. Mas não a realidade que se vive, mas a que se deseja. E o grande drama que deixava a todos estarecidos era descobrir o conteúdo de suas verdades. E estas, mesquinhas ou grandiosas, eram avassaladoras.

~~*

Apesar disto, o negócio prosperava. Os cofres da prefeitura e os bolsos de Ellon Gates e Coronel Salomão estavam cada vez mais cheios. O problema é que somente uma pequena parcela das pessoas conseguiam pagar o alto valor cobrado. E todos queriam sentir sua própria verdade, pois os efeitos, benéficos ou deletérios, eram sempre acompanhados de um desejo incontrolável de voltar. E faziam isto de novo, de novo, de novo...

Vários gastaram suas poupanças, venderam seus bens, endividaram-se com os bancos para satisfazer tal desejo. Logo, os que podiam pagar, já não podiam mais. Os que nunca puderam, queriam também seu quinhão de verdade.

Ano 09, número 13, 2025

[9]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões



Um rebuliço, ao largo de algum tempo, começou a se criar em Páthos. Tentativas de invasão ao cerco da planta mágica eram recorrentes. O que obrigava a aumentar os muros, cercas elétricas, vigilantes permanentes cada vez mais numerosos e mais armados.

O problema é que os vigilantes também são humanos e queriam eles próprios seu mergulho em suas próprias profundezas. Próximos à planta, não podiam resistir. Experimentavam também, de modo clandestino, enganando o sistema de segurança. Vendiam, por propinas bem mais baratas o direito de um ou outro acessar à planta da verdade.

Mas a insatisfação ia crescendo no meio do povo. Todo mundo queria a verdade, nada mais que a verdade. Explode, espontaneamente, uma grande rebelião. Tal qual a tomada da Bastilha, o povo, ensandecido pelo apetite de tocar na planta da verdade, avança sobre as barreiras, vários são mortos pelos vigilantes, mas vários vigilantes são também mortos pelos rebeldes. A porta é rompida. A turba furiosa entra no salão de proteção da Árvore da Verdade. Como crentes loucos para tocar o Muro das Lamentações, também eles vão, um a um, tocando e saboreando o fel de seu minério escondido no fundo da mina do desejo.

Um cai em prantos, outro ajoelha-se e reza, outro desmaia, outro ainda se enfurece e começa a atacar a todos num arroubo irracional de fúria. Aos milhares, vai passando pela translucidez e brilho jade, o povilêu imerso num rio de insensatez.

A planta vai sendo aos poucos despedaçada, pois na loucura de ter a verdade sobre si mesmo, vão arrancando pedaços com a egoísta intenção de ter à mão, sempre que quiser, um pouquinho do intangível. Após algumas horas de insensatez coletiva, com a chegada de reforços da repressão, os rebeldes são dispersados sob muita violência. O saldo de mortos e feridos não é pequeno nem digno de qualquer glória.

O Coronel Salomão, chorando ao lado de Ellon Gates, grita lá de dentro:

— Não! Por quê? Destruíram toda a fonte da verdade.

Contudo, o pequeno pedaço de folha translúcida que tinha à mão trouxe à sua consciência: “toda a fonte do dinheiro”. Mas isto ele não comunicou a ninguém.

~~*



Dia seguinte. Páthos estava de luto. O cheiro de morte estava por todo lado. O sentimento de devastação abatia a cidade inteira. A cara triste de todos era a nota musical que ressoava em todo canto.

Passa caminhando lentamente pela Bastilha em cinzas o Velho Carpinteiro, já às portas da aposentadoria. Cansado da vida, do trabalho, da luta, mas sempre firme na determinação de que as coisas podem e devem mudar. Abaixa-se e pega um pequeno ramo da árvore. Alguém, no turbilhão da noite anterior, após afanar seu pedaço de verdade, perdeu-o pelas redondezas.

A planta já está sem a força necessária para realizar seu trabalho. Não brilha mais como antes, está ficando opaca, perdendo a translucidez. Após apanhá-la, sente o carpinteiro uma grande necessidade de sentar-se. Procura um banco pelas proximidades. Senta-se. Seus olhos são fechados. Sua mente abre-se para a verdade.

Páthos está transformada. Ele próprio já é outro homem, apesar de ser ainda o Velho Carpinteiro. As pessoas andam, conversam, gesticulam. Ele observa tudo atentamente. Aquela aparência de cidade arruinada pelo lucro, pelos Ellons, pelos Coronéis Salomões e todos os outros já não está presente na paisagem. Tudo é outra coisa, mesmo sendo ainda a sua Páthos de sempre. Sobre o Páthos, parece inscrever-se Paz. O Velho Carpinteiro se regozija com isto.

As pessoas não usam dinheiro para pegar as coisas nos armazéns, onde aparecem não mais nomes de lojas, mas somente “Armazém Coletivo”. Entram, pegam o que necessitam, saem e vão para seus afazeres. Ninguém se apresenta malvestido. Todos com roupas lindas, porém confortáveis, coloridas. Caminham sem pressa para um e outro lado.

Vê dentro de uma pequena fábrica de móveis uma discussão intensa entre todos os trabalhadores do lugar. Definem na discussão o que irão fazer, a quantidade que irão produzir, o modo como irão trabalhar, o que cada um vai fazer esta semana. Aquelas velhas sombras de gente trabalhando por horas a fio, sem descanso com o mísero objetivo de receber uma migalha no final do mês não existem mais. Trabalha-se porque tem-se que fazer algo, isto é genuinamente humano. E este trabalho, ao invés de reduzir as



peças a burros de carga, elevam-na cada vez mais à sua condição de humano, o retorno ao verdadeiro solo que a humanidade ainda não pisou.

É por isto que ninguém faz sempre a mesma coisa a vida inteira. Há uma divisão temporal do trabalho, onde cada um escolhe ao longo de sua vida inúmeras atividades, realizando suas inúmeras potencialidades. Ao contrário do que ocorria antes, onde se faz algo que nem se realiza, nem desenvolve suas potencialidades.

Também, vê o velho Carpinteiro novas formas de como a vida coletiva vai sendo organizada. Nada de prefeito, de patrão, de partidos políticos, sindicatos, igrejas disputando cada um seu quinhão da riqueza produzida. Trata-se agora de coisa muito mais elaborada, desenvolvida. Somente seres humanos se relacionando como seres humanos e não feras disputando um pedaço de carne. A vida na cidade é organizada de forma a que todos que estejam interessados em fazer a cidade melhor e mais bonita tenham condições de realizar suas contribuições. E na verdade, todos, ou quase todos, se engajam nisso. A cidade é gerida pelos próprios trabalhadores que produzem tudo o que se precisa para se ter uma vida digna. Na verdade, não há parasitas vivendo do trabalho de ninguém, por isto, a cidade nada mais é que um autogoverno dos produtores livremente associados. Páthos é a grande obra da humanidade.

Essa liberdade verdadeira, de base, que organiza a vida coletiva em Páthos, seja na produção, seja na gestão da cidade, é transbordada para todo o conjunto da vida. Pessoas livres tendem a manter este estado de liberdade. Não há mais classes sociais em Páthos. Por conseguinte, também não há luta de classes, guerra civil, rebelião, revolução. Tudo isto pertence ao passado. O drama agora não é derrotar os parasitas, mas conseguir, em liberdade, fazer a vida coletiva tornar-se cada vez mais convidativa para a liberdade.

As pessoas pensam sobre novas bases. O individualismo desapareceu como ideia, pois, como realidade, ele nunca existiu na espécie humana. As novas bases construídas permitem que as pessoas ajam e se relacionem de modo distinto. Importa a vida coletiva, pois uma vida coletiva livre garante o verdadeiro desenvolvimento de todas as necessidades e potencialidades do indivíduo. A realização, aperfeiçoamento e



crescimento da individualidade, não do individualismo, é a primeira regra estampada na ética da nova sociedade. Manter, desenvolver, aprimorar a vida coletiva é a tarefa que todo indivíduo se coloca a refletir seriamente. Isto não por uma ética abstrata do coletivo sobre o indivíduo, mas porque é somente dentro desta vida coletiva aprimorada, é que a verdadeira individualidade pode ser alçada ao seu máximo e pleno desenvolvimento.

É por isto que as relações entre as pessoas estão elevadas também a um patamar superior a qualquer estágio anterior do desenvolvimento humano. São seres humanos *livres*, e não acorrentados; *conscientes*, e não em luta encarniçada pela vida; *racionais*, e não totalmente escravos de suas sombras; *realizados* em suas necessidades, e não infelizes e apáticos; *desenvolvidos* em suas potencialidades, e não castrados por uma vida limitada.

A violência desnecessária, o crime, a bestialidade são condições superadas. Os casais fazem-se e desfazem-se com liberdade imprevista, as formas de amar são conduzidas em liberdade. E aqui não quer dizer que todos sejam anjinhos construindo sua entrada no céu. Os apetites humanos não deixaram de existir. Mas eles não são catalisados pela insensatez, cobiça, ambição, competição, fome, desespero como sempre foi. Ao contrário, são mediados pela liberdade, realização, razão, pelo aprimoramento de si mesmo e da comunidade.

A mais desenvolvida individualidade só é possível na mais alta coletividade!!!

~~*

Alguém toca o ombro do Velho Carpinteiro.

— Está dormindo aí, Velho?

— Olá meu amigo, como vai, tudo bem? Não estou dormindo. Estava somente planando sobre os escombros da nossa velha Páthos.

Levantou-se. Despediu-se. Atirou a um canto o ramo da Árvore da Verdade, que estava agora totalmente opaco e sem vida. Foi para casa, meditando com interesse, na realização de seu desejo.

